

PREÇO: 350\$00

TURI MAGAZINE

Agosto 2021 - edição nº 53



Carlos Lopes

Professor da Escola de Governança Pública Nelson Mandela,
Universidade da Cidade do Cabo

**A África tem um grande plano estratégico:
agora precisa arregaçar as mangas e agir!**

AMS - Dialogar, cooperar, e conectar a ilha para um desenvolvimento sustentável.



Carlos Lopes

Professor da Escola de Governança Pública Nelson Mandela, Universidade da Cidade do Cabo
Autor prolífico, distinguido no Financial Afrik Awards 2019 como o melhor economista africano.

Artigo publicado pela The Conversation / Cortesia do Autor

A África tem um grande plano estratégico: agora precisa arregaçar as mangas e agir

Quando as Nações Unidas começaram a formular seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) em 2012 - um projeto compartilhado para trabalhar em prol da paz e prosperidade global até 2030 - a África foi a primeira região a apresentar sua lista de prioridades.

O continente agiu rapidamente, uma vez que estava a finalizar o quadro da sua Agenda 2063, que procurava articular as aspirações africanas para as próximas décadas. Foi um produto das comemorações dos 50 anos da Organização da Unidade Africana, hoje conhecida como União Africana. Um ano tão simbólico foi motivo de celebração e suscitou reflexão sobre o tipo de África que os Estados-membros pretendiam construir nos próximos 50 anos.

Enquanto o continente luta para conter e se recuperar da pandemia COVID-19, é confrontado com um momento semelhante de ajuste de contas. E a resposta é a mesma: unificar em torno de uma estrutura compartilhada para o futuro que forneça uma direção estratégica para mudanças significativas.

Mas não pode ser só conversa e nenhuma ação.

Do acordo geral à ação tangível

Os ODS da ONU, como as aspirações contidas no quadro da Agenda 2063 da União Africana, são ousados e ambiciosos. Mas ambos os conjuntos de aspirações são pintados com um pincel largo.

Até certo ponto, deve ser assim. Cada nação tem seu próprio contexto, capacidade e agenda, e quanto melhor a dica, mais difícil é chegar a um acordo - a pintura nunca seria concluída. Isso é especialmente verdadeiro quando se concentra em detalhes para implementação, onde os líderes tendem a discordar sobre as minúcias.

Pegue um dos principais projetos da Agenda 2063 como exemplo. Em face disso, o Acordo de Livre Comércio Continental Africano é uma história de sucesso incrível e o projeto de integração mais importante na história da África.

A maioria dos países africanos assinou e ratificou o acordo. Mas, desde que foi oficialmente lançado em janeiro deste ano, o progresso tem sido prejudicado por argumentos sobre mecanismos de disputa apropriados, cláusulas sobre regras de origem e direitos de propriedade intelectual.

É uma tarefa difícil passar do acordo geral - uma visão compartilhada do futuro - para a implementação prática que entrega o progresso do desenvolvimento. Mas deixar de se mobilizar por trás de uma agenda comum, com ação tangível, pode ter consequências terríveis.

Esta é uma das razões pelas quais não podemos simplesmente deixar as coisas para os governos. Aqueles de nós interessados em promover o desenvolvimento sustentável na África precisam encontrar maneiras de ampliar e aprofundar o engajamento e a conversa em torno dessas questões críticas e criar o espaço onde as diversas capacidades de vários interessados podem ser aproveitadas para encontrar soluções inovadoras para os muitos desafios que o continente enfrenta.

Para esse fim, eventos como a próxima Cúpula Internacional sobre ODS na África, organizada pela Universidade da Cidade do Cabo, podem desempenhar um valioso papel de convocação.

A cúpula permitirá que os países revisem os objetivos e metas à luz dos efeitos da pandemia COVID-19. Acadêmicos de todo o mundo poderão definir um roteiro que considera os desafios de financiamento recorrentes, mas também os sinais de um compromisso muito mais forte com a proteção social e a gestão das mudanças climáticas.

A colaboração precisa ser real e prática

A pandemia serve como um bom exemplo aqui. Apesar das proclamações de boa vontade e boas intenções em relação à África, na hora certa, o comportamento dos principais parceiros do continente tem sido egoísta. Começou com equipamentos de proteção individual, depois com ventiladores e, mais recentemente, com vacinas. Por exemplo, logo após o surto, países como o Reino Unido e os EUA introduziram medidas para restringir as exportações de equipamentos de proteção. Por sua vez, a União Europeia continua resistente a pedidos de dispensa de patentes relacionadas a vacinas.

A África já esteve aqui antes. Milhões de pessoas morreram de HIV / AIDS durante 17 anos de negociações prolongadas sobre direitos de propriedade intelectual para obter uma isenção de patente. Muitos apelos dos países em desenvolvimento para acelerar as isenções de direitos de propriedade intelectual relacionados ao comércio em medicamentos anti-retrovirais para salvar as vidas de populações profundamente afetadas pela propagação do HIV / AIDS foram ignorados até que os interesses farmacêuticos mudaram para garantir grandes compras por doadores de seus produtos estão prestes a perder sua margem de lucro.

Agora, a África está a pedir uma isenção das vacinas COVID-19 e enfrenta as mesmas discussões.

Em qualquer caso, a África não deveria ver a renúncia dos direitos de propriedade intelectual como uma bala de prata. Os materiais necessários para a fabricação, as cadeias de suprimentos certas, tempo para acumular stock, tudo precisa ser resolvido. Além disso, questões relacionadas à ética e à lei precisam ser consideradas.

Reconhecendo esta complexidade, os Centros Africanos de Controlo de Doen-





ças lançaram nada menos que três iniciativas - o Plano de Fabricação de Produtos Farmacêuticos da União Africana para a África, a Agência Africana de Medicamentos e o Fórum Regulador de Vacinas da África - com o objetivo de estabelecer um ecossistema para permitir a fabricação de vacinas no continente.

Tudo isso exige uma discussão entre uma ampla seção transversal de partes interessadas para priorizar áreas de foco estratégico, bem como ações de alcance que irão acelerar o progresso antes que a próxima crise chegue. A colaboração não pode ser uma quimera; precisa ser real e prático. Mas a colaboração também não pode ocorrer no vácuo.

Um julgamento comum

À medida que novas variantes do COVID-19 se espalham, a semelhança do teste que enfrentamos é clara para ver. Ser puramente tático e tentar combater esta doença com um foco estreito e temporário, permitindo que o protecionismo apareça em sua cara feia, limitará a capacidade da África de resolver o problema hoje. Também não fará nada para fortalecer nossa resiliência aos desafios de amanhã.

É aqui que os ODS da ONU e a visão da Agenda 2063 da União Africana têm um papel fundamental a desempenhar. Embora seus prazos - o ODS é 2030 - sejam longos e suas aspirações elevadas, são

exatamente essas qualidades que podem nos ajudar a erguer a cabeça em tempos difíceis; para ver o quadro geral e saber o que almejamos.

Agora, mais do que nunca, os líderes precisam se apoiar nas estruturas estratégicas que ajudaram a desenvolver, mas também precisam arregaçar as mangas e trabalhar com um amplo conjunto de partes interessadas para desenvolver maneiras práticas de alcançar suas aspirações dentro dessas estruturas.

É apenas por meio desse tipo de cooperação estratégica que leva a uma implementação eficaz que podemos esperar moldar o futuro que queremos e evitar aquele que não queremos. ■



Venha investir num projecto sustentável na Ilha do Fogo, na Região da Chã das Caldeira, Montinho.

Montinho Residência do Vinho é um alojamento hoteleiro alternativo dispendioso mas confortável. É constituído por 11 barris gigantes desenhados para serem suites confortáveis e 1 chalé de montanha onde se acorda com uma vista deslumbrante sobre o vulcão da Ilha do Fogo.

**Contacto: Tel. 00 238 2614998 /00 238 9742782-9119177
Cabo Verde**

